



Luana de Fatima Quinto Giacomelli

**ASCENSÃO DAS MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO ATÉ A
ATUALIDADE COM A REPRESENTAÇÃO DA JORNALISTA ALICE
BASTOS NEVES DO PROGRAMA GLOBO ESPORTE RS**

Santa Maria, RS

2020

Luana de Fátima Quinto Giacomelli

**ASCENSÃO DAS MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO ATÉ A
ATUALIDADE COM A REPRESENTAÇÃO DA JORNALISTA ALICE BASTOS
NEVES DO PROGRAMA GLOBO ESPORTE RS**

Trabalho Final de Graduação (TFG)
apresentado ao Curso de Jornalismo - Área de
Ciências Sociais, da Universidade Franciscana
(UFN), como requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carla Simone Doyle Torres

Santa Maria, RS

2020

Luana de Fatima Quinto Giacomelli

**ASCENSÃO DAS MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO ATÉ A
ATUALIDADE COM A REPRESENTAÇÃO DA JORNALISTA ALICE BASTOS
NEVES DO PROGRAMA GLOBO ESPORTE RS**

Trabalho Final de Graduação (TFG)
apresentado ao Curso de Jornalismo - Área de
Ciências Sociais, da Universidade Franciscana
(UFN), como requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em 13 de janeiro de 2021

Profa. Dra. Carla Simone Doyle Torres (UFN)
(Orientadora)

Profa. Ma. Laura Fabrício (UFN)
(Examinadora)

Jornalista Viviana Fronza
(Examinadora)

Santa Maria, RS
2020

DEDICATÓRIA

Ao meu anjo e amado filho, Bernardo.

AGRADECIMENTOS

É impossível escrever esta pequena parte sem deixar cair algumas lágrimas no rosto. Afinal, eu achei que jamais conseguiria chegar até aqui. Sendo assim, não poderia deixar de agradecer a Deus, que me ergueu todas as vezes que eu pensei em desistir e, mesmo com tantas dificuldades, a “menina dos olhos dele” seguiu em frente.

Agradeço a minha mãe, que me criou sozinha e, mesmo com pouco estudo, nunca mediu esforços para não me faltar nada, inclusive uma graduação particular. Ela, que sempre está ao meu lado e é minha heroína em todos os sentidos possíveis. Uma mulher guerreira, determinada, que é meu alicerce, à qual nem todas as palavras do mundo seriam capazes de traduzir minha gratidão.

Agradeço ao meu pai Juliano, que, mesmo tão distante, sempre me incentivou a estudar, pois sabia que o conhecimento é algo que ninguém nos tira. Lá do céu, sei que hoje está orgulhoso de mim. Ao Seu Ari, que foi como um pai para mim, também sempre me apoiando e incentivando, o meu muito obrigada! Também está a me olhar lá de cima.

Às minhas irmãs, Zuleica e Vanusa, e ao meu amado e eterno irmão Emerson, que sempre me inspiraram, como profissionais exemplares da área da saúde, a ser uma pessoa de bem e lutar pelos meus objetivos.

Aos meus sobrinhos Dienifer, Dionatan, Stefany, Micael, Juliani, Marlon e ao meu sol, a minha sobrinha-neta Bianca: obrigada por terem sido crianças tão boas e agora adultos muito bem encaminhados pelos ótimos exemplos que tiveram dentro de suas casas. Sobrinhos são filhos do coração.

Às minhas amigas-irmãs, Janiele, Aline, Janaina, Lilian, Andrielle, Eduarda, Anaíres, Gislaine, Paloma, Ana Luisa, Tatielen, Marjorie, Daiane, Júlia, que sempre estão comigo nos meus melhores e piores dias, nas alegrias e nas tristezas. Vocês são fundamentais em minha vida. Assim como minha colega e amiga Caroline, que passou todos esses anos de faculdade ao meu lado.

Ao Joel que acompanhou todo o processo de elaboração desta mamografia.

Às minhas fonoaudiólogas preferidas, Sinéia, Lisiane, Taís, Ana Valéria e Maristela, que viram esse sonho começar, lá em 2015, e que foram minhas amigas e minha família, em tantos momentos, sempre serei grata por tudo.

O meu muito obrigado seria pouco para os meus mestres da Universidade Franciscana. Saio com a certeza de que, se um dia eu me tornar a metade dos profissionais e seres humanos

que vocês são, já estarei realizada. À minha orientadora Carla Torres, que, além de ser “gatineia” como eu, e ter uma elegância à qual jamais conseguirei chegar, é uma pessoa maravilhosa em vários sentidos. Mesmo quando eu estive desmotivada vários momentos, ela me reerguia e ajudava. Obrigada, Carla, por tantos ensinamentos.

Peço licença para o meu principal agradecimento, mesmo que eu jamais possa ler isso olhando naqueles olhinhos tão pequenos, segurando a mãozinha (que, essa sim, era enorme). É para você, Bernardo Rafael, meu filho. Obrigada por ter me escolhido sua mãe, e saiba que, mesmo quando eu fraquejei, foi você que não me deixou cair. Tu, melhor que ninguém, sabes das vezes que eu quis desistir de tudo, mas então eu lembrava do que eu sempre te dizia: *Vai ser tudo por você e para você*. E sempre será assim, meu príncipe, para você me olhar lá do céu e dizer que a mamãe conseguiu. Tu foste a realização do meu maior sonho, e agora eu estou próxima de realizar o segundo maior da minha lista, a graduação em jornalismo, e eu sei que você vai estar presente no dia da entrega do diploma, assim como você está presente, desde o meu primeiro pensamento do dia até o último, antes de dormir. A mamãe vai se formar e todo esse esforço é por ti, anjo Bernardo!

Deus tirou tudo de Jó, depois devolveu tudo em dobro. Vai doer, vai machucar, vai te destruir, você vai achar que nem vai aguentar, mas, no final, Deus honra!

RESUMO

ASCENSÃO DAS MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO ATÉ A ATUALIDADE COM A REPRESENTAÇÃO DA JORNALISTA ALICE BASTOS NEVES DO PROGRAMA GLOBO ESPORTE RS

AUTOR: Luana de Fatima Quinto Giacomelli
ORIENTADORA: Carla Simone Doyle Torres

Este trabalho final de graduação em Comunicação Social, habilitação jornalismo, aborda a ascensão das mulheres no jornalismo esportivo, e tem por objetivo investigar a representação midiática da jornalista Alice Bastos Neves, do programa Globo Esporte da RBS TV, afiliada da Rede Globo. Alice busca reconhecer a luta feminista por seu espaço na sociedade e, principalmente hoje, no jornalismo esportivo televisivo, mostra o reconhecimento da mulher como profissional nessa área dominada pelos homens. Para tal, analisou-se, durante uma semana, o programa Globo Esporte, com a apresentação de Alice Bastos Neves, tendo em vista investigar como se dá a representação da figura da mulher jornalista e apresentadora, em um programa de televisão no módulo esportivo.

Palavras chaves: Feminismo. Jornalismo esportivo. Mulheres.

ABSTRACT

AUTHOR: Luana de Fatima Quinto Giacomelli
ADVISOR: Carla Simone Doyle Torres

This final graduation work in Social Communication, journalism qualification, addressed the rise of women in sports journalism, as well as with the objective of investigating the media representation of journalist Alice Bastos Neves from the Globo Esporte program of RBS TV, an affiliate of Rede Globo. Seeking to recognize the feminist struggle for its space in society and especially today in television sports journalism and showing the recognition of women as professionals in this area dominated by men. The Globo Esporte program was then analyzed for a week with the presentation of Alice Bastos Neves and with the objective of investigating the representation of the figure of the woman journalist and presenter in a television program in the sports module.

Keywords: Feminism. Sports journalism. Women.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Alice na apresentação do programa exibido em 21/09/2020.....	32
Figura 2 - Alice na apresentação do programa exibido em 22/09/2020.....	33
Figura 3 – Alice na apresentação do programa exibido em 23/09/2020.	34
Figura 4 - Alice na apresentação do programa exibido em 24/09/2020.....	35
Figura 5 - Alice na apresentação do programa exibido em 25/09/2020.....	36
Figura 6 - Alice apresentando o programa exibido em 21/09/2020.	38
Figura 7 – Alice apresentando o programa exibido em 22/09/2020.	38
Figura 8 – Alice apresentando o programa exibido em 23/09/2020.	39
Figura 9 - Alice apresentando o programa exibido em 24/09/2020.	40
Figura 10 - Alice apresentando o programa exibido em 25/09/2020.	40
Figura 11 – Vestuário de Alice em 21/09/2020.....	41
Figura 12 - Vestuário de Alice em 22/09/2020.	42
Figura 13 – Vestuário de Alice em 23/09/2020.....	43
Figura 14 – Vestuário de Alice em 24/09/2020.....	43
Figura 15 – Vestuário de Alice em 25/09/2020.....	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 FEMINISMO	10
2.2 MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO	13
2.3 A JORNALISTA ALICE BASTOS NEVES	16
2.4 O PROGRAMA GLOBO ESPORTE	18
3 METODOLOGIA	23
3.1 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO PROGRAMA GLOBO ESPORTE	25
3.2 A EXPRESSIVIDADE VOCAL E LINGUAGEM CORPORAL DA APRESENTADORA	26
3.3 ENQUADRAMENTOS E VESTUÁRIO DA APRESENTADORA	27
4 ANÁLISES	29
4.1 ANÁLISE DO PROGRAMA GLOBO ESPORTE E DA REPRESENTAÇÃO FEMININA DE ALICE	29
4.2 A LINGUAGEM CORPORAL DA APRESENTADORA	31
4.3 ENQUADRAMENTO	36
4.4 VESTUÁRIO	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
ANEXO A - ENTREVISTA COM A JORNALISTA ALICE BASTOS NEVES	50

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho final de graduação tem como tema a evolução e a representação da mulher no jornalismo esportivo, atendo-se à atuação da jornalista Alice Bastos Neves, no programa Globo Esporte, da RBS TV, afiliada da Rede Globo, para abordar a questão da ascensão feminina nos espaços de telejornalismo esportivo.

A chegada das mulheres aos veículos de comunicação, principalmente nos meios esportivos, sempre foi marcada por diversos preconceitos. Elas foram julgadas por não entenderem de esporte ou, até mesmo, impedidas de entrarem em campo e nos vestiários masculinos, entre outras situações. Historicamente, a presença das mulheres em qualquer meio de comunicação sempre foi muito menor, se comparada ao espaço que ocupam os homens. Se levarmos em conta, ainda, quais são os lugares que essas jornalistas ocupam, o cargo de repórter ganharia facilmente. Poucas são comentaristas, narradoras, âncoras ou integram uma mesa-redonda.

O problema surgiu através da problematização acerca da escassez de mulheres âncoras no telejornalismo brasileiro, com um papel ainda relativamente pequeno, porém crescente, da mulher no jornalismo esportivo. Nesse contexto, como se dá a representação da apresentadora Alice Bastos Neves, enquanto jornalista do gênero feminino, no programa Globo Esporte RS?

A partir dessa questão, são objetivos específicos deste trabalho: analisar a representação midiática da mulher no programa Globo Esporte RS, por meio da atuação de Alice, expondo sua imagem e representatividade feminina; investigar sua linguagem corporal, assim como suas particularidades, bem como analisar o enquadramento da apresentadora na câmera e seu modo de vestir perante um público majoritariamente masculino.

Este estudo justifica-se pelo meu interesse pessoal pelo assunto e em razão do ainda existente preconceito de gênero, especialmente em espaços midiáticos dedicados ao jornalismo esportivo, e a conseqüente falta de mulheres ocupando tais espaços. Pelo fato de sempre estar envolvida nesse meio, seja como torcedora ou fazendo trabalhos acadêmicos, presenciei, constantemente, a discriminação contra as mulheres nos estádios, na mídia e nas redes sociais. Uma vez que são poucos os estudos destinados à análise do papel da mulher no mundo do jornalismo esportivo, outra motivação deste trabalho é contribuir para que futuras jornalistas encontrem menor adversidade em suas tentativas de ingresso no setor.

Para responder a essas indagações, o primeiro capítulo traça uma breve descrição do feminismo, contando um pouco do que as mulheres passaram até conquistarem alguns direitos fundamentais, entre eles sair de casa para trabalhar. No segundo capítulo, serão levantados

tópicos sobre a mulher no jornalismo esportivo, descrevendo sua história, a inserção da mulher em sociedade e no esporte. No terceiro capítulo, apresenta-se a história da jornalista e âncora do programa Globo Esporte RS, Alice Bastos Neves.

Frente aos objetivos da pesquisa, a metodologia propõe uma análise de conteúdo, fundamentada em Bardin (1977). Após debruçar-se sobre uma semana de exibição do programa Globo Esporte RS, transmitido de segunda a sexta, e atentando aos detalhes da atuação de Alice na condução do programa, a análise de conteúdo será aplicada para responder aos questionamentos propostos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 FEMINISMO

Ao longo da história, as mulheres sempre tentaram rebelar-se perante as opressões que sofriam por conta do seu gênero feminino. Essa luta ficou ainda mais evidente no final do século XIX, quando se ergueram as primeiras manifestações feministas contra o patriarcado colonialista, em que os homens brancos e ricos garantiam que o papel de submissão da mulher fosse executado. Outra luta de destaque se deu contra a ordem conservadora, pois essa determinava o papel da mulher, dominada pelos homens.

O evento de longe mais notório e populoso foi, certamente, a insurgência das mulheres da Inglaterra, que reivindicaram o direito ao voto, à educação e à emancipação. Estas foram importantes vitórias para a época, e aquelas mulheres ficaram conhecidas como as sufragistas. A conquista do voto só veio a acontecer em 1918, no Reino Unido, conforme aponta Louro (2003):

O sufrágio passou a ser reconhecido, posteriormente, como a "primeira onda" do feminismo. Seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões) estavam, sem dúvida, ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média, e o alcance dessas metas (embora circunscrito a alguns países) foi seguido de uma certa acomodação no movimento. (LOURO, 2003, p. 15).

Em outros países ocidentais, como a Itália e a França, foi somente após a Segunda Guerra Mundial que as mulheres foram admitidas no corpo eleitoral. Mesmo com essa grande conquista, tiveram que vencer muitas outras batalhas por espaço, sendo apenas com a entrada da mulher no mercado de trabalho que uma mudança significativa ocorreu na maneira como a sociedade a tomava.

Até o século XIX, as mulheres eram vistas apenas como mães e donas de casa, com pouca ou quase nenhuma expectativa de sair dessa posição. Suas ações, seus passos, absolutamente todos os seus movimentos, se davam sob os olhares de seus maridos, pais ou irmãos. Não tinham liberdade para quase nada, muito menos para emitir opiniões. Poucas mulheres se atreviam a debater com aqueles que eram considerados os donos da casa. Essas mulheres não tinham acesso à educação, muito menos trabalho, como afirma a professora Norma Telles (2006):

Excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurar dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior, as mulheres no século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou sobrados, mocambos e senzalas, construídos por pais, maridos, senhores. Além disso, estavam enredadas e constringidas pelos enredos da arte e ficção masculina. Tanto na vida quanto na arte, a mulher do século passado aprendi a ser tola, a se adequar a um retrato do qual não era a autora. (TELLES, 2006, p. 408).

Já no Brasil, o feminismo também iniciou com a luta pelo direito ao voto, porém, ainda antes dessa importante vitória, as mulheres fizeram greves, em 1917, e a luta pela emancipação nas cidades ganhou força, a exemplo das secretárias do Rio de Janeiro, que paralisaram por melhores condições de trabalho. As *sufragettes* brasileiras foram lideradas por *Bertha Lutz*, bióloga e cientista que foi uma das fundadoras da *Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino*, uma organização em busca do direito ao voto. Em 1927, o Estado do Rio Grande do Norte legaliza o voto feminino, mas nos demais estados, esse direito foi conquistado apenas em 1932, através do Decreto nº 21.076, instituído pelo Código Eleitoral Brasileiro e consolidado na Constituição de 1934. Na constituinte de 1934, foi eleita a primeira deputada do Brasil, Carlota Pereira de Queirós, que participou dos trabalhos na Assembleia Nacional Constituinte, de 1934 até 1935.

Nessa grande luta pelos direitos das mulheres no Brasil, temos alguns nomes de relevo, como Anita Garibaldi Moema de Santini, na *Guerra dos Farrapos*; Hipólita Jacinta Teixeira de Melo; da *Conjuração Mineira*, Bárbara Alencar (avó de José de Alencar), na *Revolução Pernambucana*, e Maria Quitéria de Jesus, que comandou o primeiro batalhão de mulheres no Brasil.

A segunda onda do feminismo tem início em meados da década de 1960, durante a qual, além das lutas sociais e políticas, ocorreram, principalmente, construções propriamente teóricas. Conforme comenta Guacia Lopes Louro (2003):

É, portanto, nesse contexto de efervescência social e política, de contestação e de transformação, que o movimento feminista contemporâneo ressurge, expressando-se não apenas através de grupos de conscientização, marchas e protestos públicos, mas também através de livros, jornais e revistas. Algumas obras hoje clássicas — como, por exemplo, *Le deuxième sexe*, de Simone Beauvoir (1949), *The feminine mystique*, de Betty Friedan (1963), *Sexual politics*, de Kate Millett (1969) — marcaram esse novo momento. (LOURO, 2003, p. 16).

Partimos, assim, para uma outra fase, em que as mulheres entraram para o mundo dos estudos, fazendo e incentivando outras a não apenas falarem ou lutarem por seus direitos, mas escreverem, tornando-as mais visíveis aos olhos do mundo. Não cabe mais às mulheres apenas

o papel de esposa, mãe e dona de casa, agora elas desempenham um papel antes destinado apenas aos homens. A mulher adquiriu direito à educação, conquistando, aos pouquinhos, seu espaço na sociedade.

Mas isto não significa que as dificuldades, problemas e os preconceitos tenham acabado, foi apenas mais um passo dessas mulheres corajosas, que decidiram mudar o rumo de suas vidas e de todas as gerações que estavam por vir. A luta ainda estava longe de ter um fim e perdura até hoje, sem prazo para acabar.

Mesmo assim, essas mulheres ganharam seu espaço e foram avançando aos poucos, mais grupos se formaram, principalmente em áreas mais pobres e dentro de periferias. Outros temas foram abordados, como a violência, a sexualidade, o direito ao trabalho, à terra e à saúde. Uma das grandes vitórias do feminismo brasileiro aconteceu em 1984, com a criação do *Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM)*, que promoveu, junto com importantes grupos, como o *Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA)* de Brasília, uma campanha nacional para a inclusão dos direitos das mulheres na nova carta constitucional. Desse empenho resultou que a *Constituição de 1988* é uma das que mais garante direitos para a mulher no mundo.

Com todas essas conquistas, elas ganharam mais força, e seus destaques foram acontecendo gradualmente, em busca de melhores condições de vida, mostrando que o que confere distinção profissional a qualquer pessoa é o preparo, a responsabilidade, e não o sexo. Destaca Raquel Paiva (2008):

A participação feminina no mercado de trabalho triplicou o nível educacional médio já ultrapassou o dos homens e as mulheres compõem a maioria das matrículas nas universidades. Se contar a presença crescente do sexo feminino no judiciário, assim como em diversos cargos do setor público e privado. (PAIVA, 2008, p. 228).

Durante o século XX, também dá-se voz às mulheres livres pensadoras, que lutavam pelo direito de dizer o que pensavam em forma crônicas literárias, sem serem mal vistas por isso. Elas juntam-se, então, ao movimento das mulheres anarquistas, na luta de classes em busca de direitos trabalhistas e justiça social. Não é possível negar que, graças às feministas do passado, que não se curvaram ao patriarcado e buscaram direitos fundamentais, hoje estamos aqui, lutando, dia após dia, para mantermos essas e outras conquistas. Trata-se de uma luta que continua através das gerações, já que, conforme pontua Simone de Beauvoir (2016):

Este mundo que sempre pertenceu aos homens, ainda continua nas mãos deles; as instituições e os valores da civilização patriarcal sobrevivem a si mesmos em grande parte. Os direitos abstratos ainda estão longe de ser integralmente reconhecidos em

toda parte as mulheres. Na Suíça elas ainda não votam; na França, a lei de 1942 mantém, sob forma atenuada, as prerrogativas do marido. E os direitos abstratos, acabamos de dizê-lo, nunca bastam para assegurar a mulher uma influência concreta sobre o mundo; entre os dois sexos não existe, ainda hoje, verdadeira igualdade. (BEAUVOIR, 2016, p. 191).

Uma importante observação a ser feita é relativa à distinção entre os conceitos de machismo e feminismo, que, embora comumente tomados como opostos, não são antônimos. O feminismo é um movimento social que busca os direitos iguais entre os homens e as mulheres, defendendo que não há nenhum tipo de determinação biológica que justifique uma hierarquia entre os gêneros.

O machismo desenvolve uma estrutura social que supervaloriza a masculinidade, dando aos homens uma sensação de poder sobre quaisquer atributos, modificando assim o comportamento masculino e reforçando o papel do homem como um líder. Já no feminismo, busca-se justamente mostrar a esses homens que existe uma reação e, porque não dizer, uma resistência a esse tipo de comportamento, que propõe a igualdade de gênero na sociedade e busca por direitos iguais para homens e mulheres.

2.2 MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO

As mulheres sempre tiveram que buscar seu espaço dentro das grandes mídias, e todo esse esforço começou após o lançamento do primeiro jornal escrito e dirigido por mulheres, em 1852, pela argentina *Joana Paula Manso de Noronha*, chamado *Jornal das Senhoras*. Já em sua primeira publicação, foi realizada uma crítica pela falta de espaço para as mulheres em jornais e revistas.

A partir de então, vários segmentos da comunicação despertaram o interesse dessas mulheres, entre eles o jornalismo esportivo. Só que, antes de se inserirem como profissionais que comentam sobre esporte, as mulheres entraram nos mais diversos esportes como atletas. Em um mundo visto antes apenas como masculino, elas mostraram que também podem competir e, mais que isso, vencer. Foi no século XX que essa representatividade, mesmo que ainda tímida, teve seu pontapé inicial. Elas deixaram os afazeres domésticos de lado, e foram para os campos, quadras e pistas.

Com a prática desses exercícios, elas tiveram mais autonomia ao falar desses esportes, podendo, assim, divulgar maiores informações a seus respectivos segmentos. Após muitas lutas por seus direitos, as mulheres entraram para o mundo da comunicação social, com pequenos folhetins, até fazerem seus primeiros jornais e revistas. Com temáticas voltadas à família, à casa

e à culinária, entre outras, conseguiram chegar ao segmento esportivo. Segundo Ana Paula Ramos (2010), “as mulheres vieram para soltar o verbo; elas entendem de basquete, rali, fórmula 1 e futebol. Em geral, aquelas que estão à frente do jornalismo esportivo não deixam de fazer parte do imenso grupo de amantes e praticantes femininas de esportes” (RAMOS, 2010, p. 2).

Não é porque se trata de esportes, que, como já sabemos, é um campo visto por muitos como “coisa de homem”, que as mulheres devam ser sistematicamente excluídas e invisibilizadas. Elas têm a mesma capacidade que qualquer outro indivíduo e, a partir disso, começam a luta para poderem, apenas, fazer o que para os homens é corriqueiro: trabalhar no meio esportivo.

Estudar e fazer jornalismo esportivo para muitos parece ser algo mais fácil que política ou economia, por exemplo. Talvez seja interpretado assim por ter um texto mais leve, de fácil compreensão e, por que não, de fácil entendimento, principalmente pelos amantes dos esportes. Conforme Coelho (2004):

Talvez não haja área do jornalismo tão sujeita a intempéries quanto a cobertura de esportes. O profissional enfrenta o preconceito dos próprios colegas, que consideram uma editoria menos importante, e também do público, que costuma tratar o comentarista ou repórter esportivo como mero palpiteiro. (COELHO, 2004, p. 122).

O preconceito sempre foi muito presente na vida das mulheres, como já vimos anteriormente, porém, quando falamos em jornalismo de esportes, ele é mais escancarado, por várias pessoas acreditarem que mulheres não entendem de esporte ou, mais especificamente, de futebol, que é um dos, senão o maior, esporte praticado no mundo. Em 2018, foi lançada uma campanha com o nome *Deixa Ela Trabalhar*, iniciativa de 52 jornalistas de todo o Brasil, que formaram um grupo para representar as mulheres que trabalham com o esporte, tendo como objetivo acabar com o assédio moral e sexual sofrido nos estádios, nas ruas e nas redações.

É notável a ausência de mulheres jornalistas com cargos de chefia ou de grande expressividade no esporte, e isso, é claro, prejudica a ascensão dessas profissionais na área. Em uma pesquisa realizada pela UOL Esporte, segundo Ronsoni (2020) foi constatado que apenas 13% das profissionais mulheres estão em programas de tv esportivos, em canais fechados, e praticamente todas nas reportagens. Fora das mesas redondas, elas participam de debates e, em algumas ocasiões, parece que estão ali apenas enfeitando o cenário, consideradas a partir de padrões de beleza e apreciação masculina. O assédio e o desrespeito são quase que uma provação diária, pela qual as mulheres necessitam passar para, simplesmente, exercerem seu

trabalho como qualquer outra pessoa. Lara Tejada Stahlberg (2011) mostra, em seu livro, como são tratadas as mulheres que falam de futebol:

Dentre as diversas reações, na maioria desfavoráveis à participação de mulheres em programas esportivos ou comentando futebol de uma maneira geral, o que me chamou mais a atenção foi a quantidade de pessoas que buscavam "legitimar" seus argumentos com palavras de baixo calão, tratando da mulher como meros objetos e com a função exclusiva de dar prazer aos homens e/ou cuidar da casa, interessadas apenas em dinheiro e, mais que isso, afirmando que deveriam conformar-se com sua posição pois, como afirmou um dos comentaristas, "quem mandou nascer com o equipamento errado", o que não é de maneira nenhuma diferente do tratamento dado, por exemplo, às torcedoras ou outras mulheres que de alguma maneira imponham seu conhecimento e paixão pelo futebol de maneira aberta (STAHLBERG, 2011, p. 96).

A autora também fala sobre o quanto a fala da mulher, diante de determinado assunto esportivo, é muito mais analisada e tem um peso diferente, se comparada à fala de algum homem que faça exatamente o mesmo comentário, ou semelhante.

Me parece que os erros cometidos por profissionais homens são muito mais "justificáveis" do que os erros cometidos por mulheres em situações semelhantes. Se um homem acusa sem provas, é polêmico, mas se uma mulher comete uma gafe, o faz por que é mulher. Isso serve para ressaltar como, não importa a maneira, o olhar feminino é sempre muito mais sujeito a provações e reafirmações de sua legitimidade por conta simplesmente de ser mulher (STAHLBERG, 2011, p. 100).

A apreciação do trabalho de um homem no esporte, quando tratado por um consumidor do gênero midiático esportivo, consiste em apenas avaliar se o jornalista está certo ou errado em sua colocação sobre determinado assunto. Já quando um comentário é feito por uma mulher, a colocação daquele mesmo consumidor será de indignação e de questionamentos sobre o porquê de ela estar ali e não em casa, cuidando dos filhos. Fica, portanto, evidente a disparidade entre o tratamento conferido às mulheres e aos homens, no âmbito do jornalismo esportivo. Nesse contexto, assim como em outros locais da sociedade, as mulheres são, por vezes, submetidas ao constrangimento, sob a justificativa de senso de humor, o que contribui para naturalização de tal violência, apesar da consciência de muitos de que não se trata de algo normal e do desejo de que tal diferença deixe de existir. As mudanças começam na sociedade, até se expandirem às mídias tradicionais, para, assim, colaborarem com a inserção feminina no meio.

Motivadas por inúmeros fatores, é concreta a participação feminina no universo do futebol. Se por um lado, essa participação significa transgressão, por outro, significa adequação aos valores e práticas comuns a esse esporte. Transgressão porque faz valer suas aspirações, desejos, necessidades, fantasias, vaidades e prazeres enfrentando um universo caracterizado como próprio do homem, motivo pelo qual, abundam preconceitos e limitações; adequação, porque limita-a aos padrões estéticos

dominantes e restringe os espaços para a expressão de outras singularidades – ainda que existam processos subjetivos de apreensão deste imaginário socialmente construído e aceito que permitam o desenho de determinadas formas de resistência (GOELLNER, 2000, p. 91).

No cenário atual, já é um pouco mais significativa a presença feminina nas mais diversas plataformas midiáticas, mas ainda há muito o que mudar para que as pessoas aceitem que as mulheres chegaram para ficar no jornalismo esportivo. A desconfiança se faz presente, podendo vir de parentes e amigos, ou, até mesmo, dos colegas de trabalho. Sem dúvidas, enfrentar a desconfiança e os olhares de preconceito é algo que incomoda e desmotiva bastante qualquer profissional. Porém, trata-se de mais uma chance para as mulheres mostrarem o que aprenderam lá atrás, com as sufragistas, tendo voz, fazendo o seu melhor, trabalhando para mostrar que se é capaz de tudo e de enfrentar a todos.

2.3 A JORNALISTA ALICE BASTOS NEVES

O pioneirismo feminino no jornalismo esportivo brasileiro foi em 1948, quando, no recém lançado jornal *Gazeta Esportiva*, Maria Helena Nogueira Rangel foi contratada, tornando-se a primeira mulher a cobrir esportes no Brasil. Outra jornalista que merece destaque é Isabel Tanese, primeira mulher a comandar uma editoria de esportes, no jornal *Estado de São Paulo*.

Entre as repórteres, quem ganha destaque é Regiane Ritter, a primeira a tornar-se repórter e comentarista esportiva no Brasil, na rádio *Gazeta* em 1980. Ela trabalhou na cobertura de três Copas do Mundo. Sempre bem informada e entendida do assunto, abriu caminhos para as mulheres nesse meio, até então, só ocupado por homens. No site 3º tempo, na matéria produzida por Marcelo Rozenberg (2013), é exibida a entrevista cedida por Regiane ao portal UOL:

Se a mulher pode ser presidente da República, pode ser Primeira Ministra, ser a mulher mais influente na economia da Europa como é a Angela Merkel, da Alemanha, por que não pode ter mulher no jornalismo esportivo? Quando eu comecei, era um negócio feio. Era o mundo do bolinha e a luluzinha não entra, menina não entra. Aí eu falei: quem disse que não entra, eu vou entrar. Vim da roça, sou xucra, e juro que não pensei que a repercussão seria tão grande. É muito bom, é gratificante. Não é a fama, é a importância de ter feito o que fez profissionalmente. (ROZENBERG; RITTER, 2013).

A história dela no jornalismo esportivo começou quando ela foi convidada pelo diretor de esportes da rádio *Gazeta* a cobrir a ausência de um colega, por 30 a 40 dias, no esporte e, movida pelo desafio, aceitou e nunca mais deixou a área. Foi uma das primeiras mulheres a

entrar em campo para entrevistar, bem como dentro dos vestiários dos jogadores. Ela conduzia as entrevistas enquanto os jogadores tomavam banho, com o que contribuiu para que, o que antes era visto como constrangedor, se tornasse algo tão normal quanto a presença dos profissionais das demais, presentes no ambiente.

Quando se tratava de Copa Do Mundo, Regiane era ainda mais disciplinada, tanto que, ao invés de descansar, após um dia cansativo de trabalho, ela passava a madrugada ouvindo vários programas de esportes como forma de entender mais sobre o assunto. Sempre tentando dar o seu melhor, ela se apaixonou pelo futebol e, após o rádio, trabalhou em jornais impressos e na televisão.

Regiane encontrou preconceito tanto dos jogadores e torcedores como de seus próprios colegas de profissão. Mas, ao invés de desistir, isso a impulsionou a ir mais longe e sempre buscar evoluir, tanto com profissional como na vida pessoal. Porém, houve um episódio que quase a fez desistir do jornalismo esportivo, quando, em um jogo de futebol na cidade de Campinas-SP, para ganhar tempo entre uma entrevista e outra, ela atravessou o gramado do estádio e os pouco mais de 40 torcedores já presentes arquibancadas, dirigiram-se à jornalista com palavras de baixo calão. Regiane chorou pela primeira vez por se sentir mal em estar ali, mas ela venceu mais um dia de preconceitos na história do esporte.

Na contramão de todo esse preconceito, e lutando tanto por ela como por suas colegas de profissão, precedida por essas mulheres destacadas, e de tantas outras que, atualmente, integram o quadro de esportes nos diferentes meios de comunicação, temos a jornalista e apresentadora *Alice Bastos Neves*. A pelotense foi morar, aos 4 anos de idade, em Porto Alegre, onde, então com 17 anos, ingressou no curso de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Porém, como ela gostava muito de *ballet* e praticava desde sua infância, prestou vestibular para Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Alice passou e chegou a cursar dois semestres, mas trancou e voltou ao curso de jornalismo, onde se formou, em 2005.

Ela que, após formada, queria trabalhar no jornalismo cultural, acabou ocupando, em 2006, uma vaga de repórter no programa RBS Esporte, que, na época, era exibido apenas aos sábados. Alice agarrou essa oportunidade e começou a cobrir diversas modalidades esportivas, como vôlei, basquete, futsal, até chegar ao futebol. Até que, de repórter, ela passou para a apresentação do programa, e também passou a fazer matérias da dupla Gre-Nal para o *Globo Esporte*.

Em 2012, a Rede Globo decidiu pela segmentação do programa diariamente, que era exibido apenas pelo RJ, com blocos estaduais. Foi assim que, após seu destaque no esporte, foi convidada para ser a apresentadora da edição gaúcha do *Globo Esporte*, juntamente com o jornalista Paulo Britto, que tem como carro chefe o futebol, e é um dos mais tradicionais programas da televisão aberta brasileira. Com mais de 40 anos de existência, já passou por diversas mudanças, seja no modo de fazer jornalismo ou nas suas apresentações.

2.4 O PROGRAMA GLOBO ESPORTE

A Televisão é a mídia mais popular do Brasil. Depois de ser implantada no país, em 18 de setembro de 1950, a mais nova “queridinha” do povo tornou-se não só um meio de informação, mas também uma forma de companhia, diversão, entretenimento, além de exercer inigualável influência sobre os comportamentos e pensamentos das pessoas. O ambiente televisivo é especialmente o referencial de informações tanto sociais como culturais, tornando-se companheiro das interações afetivas, emocionais e é através dela, que as pessoas entram em contato com os outros mundos, outros povos e culturas. Para Ferrés (1998):

A televisão é o fenômeno social e cultural mais impressionante da história da humanidade. É o maior instrumento de socialização que jamais existiu. Nenhum outro meio de comunicação na história havia ocupado tantas horas da vida cotidiana dos cidadãos, e nenhum havia demonstrado um poder de fascinação e de penetração tão grande (FERRÉS, 1998, p. 13).

A história do telejornalismo, e, por conseguinte, a do telejornalismo esportivo, se mistura com a da TV desde o seu surgimento. Em 1950, foi transmitido o primeiro jogo entre Portuguesa de Desportos e São Paulo, porém apenas em reportagem filmada, considerada o marco das transmissões esportivas na televisão brasileira. Mas o primeiro jogo ao vivo aconteceu apenas em 1955, com o clássico paulista Santos 3x1 Palmeiras, transmitido pela rede Record.

O programa Globo Esporte é um telejornal esportivo, exibido de segunda a sábado, no início das tardes da Rede Globo, desde 14 de agosto de 1978, e foi criado para falar de todas as notícias esportivas, com destaque para o futebol. Atualmente, conta com 15 edições próprias: Uma edição gravada e gerada pela TV Globo Rio de Janeiro, e transmitida em território nacional, exceto para os estados: DF, SP, AM, AC, RO, MG, MT, MS, RS, PA, PE, BA, PR, CE, GO, SC e MA.

Desde 2012, o programa passou a ter mais edições regionais, o que aumentou o número de blocos transmitidos para o RS, levando aos gaúchos mais informação sobre o esporte do estado, sem restringir-se àquelas relacionadas ao Grêmio e ao Internacional. Outra mudança significativa foi a apresentação exclusiva da jornalista Alice Bastos Neves, o que foi uma grande conquista para todas as mulheres, afinal, como já mencionamos, são poucas as mulheres ocupando a posição de âncora em telejornais. Atualmente, os apresentadores do Globo Esporte são:

Quadro 1 – Apresentadores do Globo Esporte RS.

Rio Grande do Sul	Alice Bastos Neves
Sergipe	Tamara Oliveira
Paraná	Janaína Castilho
Goiás	Karla Izumi
Amapá	Elyerge Paes
Distrito Federal	Stephanie Alves
Rondônia	Karina Quadros

Fonte: Autora.

E, como já mencionado, nos demais estados a maioria dos apresentadores são do sexo masculino.

Quadro 2 - Apresentadores do Globo Esporte nos demais estados.

(continua)

São Paulo	Felipe Andrioli
Rio de Janeiro	Alex Escobar
Minas Gerais	Maurício Paulucci

Quadro 2 - Apresentadores do Globo Esporte nos demais estados.

(conclusão)

Pernambuco	Tiago Medeiros
Acre	Paulo Henrique
Alagoas	Madson Delano
Amazonas	Thiago Guedes
Bahia	Mariano Aragão
Ceará	Marcos Montenegro
Maranhão	Marco Aurelio
Mato Grosso	Flávio Santos
Mato Grosso do Sul	Atila Eugenio
Pará	André Laurent
Paraíba	Kako Marques
Piauí	Flávio Meireles
Roraima	Lucas Luckezie
Santa Catarina	Allison Francisco

Fonte: Autora.

As discussões e informações esportivas estão presentes na maioria dos bancos de praças, rodas de amigos nos bares e nas arquibancadas. Está na boca do torcedor, do técnico e do jogador, e quase sempre a informação esportiva chega nesses contextos por meio dos meios de comunicação. Como afirma José Carlos Aronchi de Souza (2004):

Alguns programas o tratam com maior amplitude (Esporte Total, na Bandeirantes; Esporte Espetacular, na Globo) e conseguem abordar outras categorias esportivas – automobilismo, vôlei, basquete, tênis e provas de atletismo são os que mais aparecem no vídeo. Mas a categoria esportiva que permanece mais tempo no ar é o futebol, com jogos regionais e nacionais, e principalmente os amistosos e campeonatos dos quais a seleção brasileira participa. (SOUZA, 2004, p. 106).

Por essa razão, não seria diferente com comentários de opinião em programas esportivos, como o Globo Esporte, principalmente quando vindos de um especialista no assunto abordado. A linguagem empregada também precisa ser específica para aquele veículo de comunicação, pois nem tudo aquilo que pode ser falado na rádio pode ser dito na televisão, e esse cuidado precisa ser tomado pelos convidados. Além, é claro, do tempo, já que, na rádio,

determinado assunto pode render horas de “discussão” e, na televisão, deve ser resumido a minutos ou segundos.

Afora essas questões, as descrições de passes, narrações de jogadas ou entrevistas de atletas no jornalismo esportivo, não possuem regras que devem ser seguidas pelos jornalistas. A linguagem jornalística do esporte nunca teve um modelo. Como afirma Heródoto Barbeiro (2006):

A linguagem jornalística do esporte nunca teve uma escola definida. O surgimento de um estilo próprio sempre dependeu das tentativas de erros e acertos. Em 1932, início das transmissões esportivas no rádio, a linguagem utilizada era de pura emoção. (BARBEIRO, 2006, p. 98).

No caso de um programa esportivo, o formato é o estilo, a proposta e a forma do programa, que pode ser no formato de telejornal, documentário ou debate. O programa adquire formato de telejornal quando o apresentador fica no estúdio e chama matérias e reportagens, gravadas ou ao vivo. O documentário é uma grande reportagem, onde os fatos têm mais tempo de exibição. O formato mais conhecido no esporte, porém, é o debate.

No caso do programa analisado, sua forma é de telejornal, pois a apresentadora Alice Bastos Neves fica no estúdio e chama as matérias de seus colegas jornalistas, eventualmente indo às ruas (em tempos sem pandemia). Quando o programa possui convidado, é apenas para expor sua opinião sobre um assunto que a própria apresentadora irá propor. Sendo assim, o Globo Esporte RS é um exemplo de programa esportivo que não se enquadra nos moldes tradicionais estabelecidos para debates.

Como a maioria dos programas, a presença masculina sempre foi predominante no cenário do jornalismo esportivo. Jornalistas homens são responsáveis pelas editorias e pela apresentação dos programas direcionados ao esporte. Mais uma vez, o programa Globo Esporte RS foge do tradicional, do comum, uma vez que, além de ter uma âncora mulher, a ela também cabe parte da edição do programa.

No contexto da avaliação dos programas, em apenas duas oportunidades Alice contou com a participação do jornalista Maurício Saraiva, que contribuiu com comentários e opiniões. Nos dois momentos, o assunto principal era o futebol, com aparições rápidas do comentarista por, no máximo, duas vezes durante cada programa.

O jornalista, que também tem como característica, assim como Alice, o carisma, consegue transmitir de forma clara e objetiva tudo que é indagado pela âncora. Ele contextualiza a notícia, apresentando sua visão dos fatos e ajudando os telespectadores a entenderem as

questões relacionadas às partidas e a tudo que envolve o futebol, fornecendo base para que formem uma opinião sobre o assunto.

3 METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido por meio de uma análise de conteúdo. Em uma concepção ampla, tal metodologia, oriunda das ciências sociais e humanas, destina-se à investigação de fenômenos simbólicos, por meio de várias técnicas de pesquisa. Ainda, conforme Laurence Bardin (1977), a análise de conteúdo é:

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a «discursos» (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas - desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até à extração de estruturas traduzíveis em modelos- é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e ela fecundidade da subjetividade. Absolve e caucionar o investigador por esta atracção pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem. (BARDIN, 1977, p. 09).

Para uma melhor análise, há uma subdivisão em categorias que serão observadas de modo mais detalhado durante o programa, tais como a representação midiática da mulher, por meio da atuação de Alice, e, nesse ínterim, as categorias conceituais que foram usadas na análise de conteúdo são: profissionalismo, imagem e representatividade feminina. Além disso, analisou-se como ela se desenvolve, seja na linguagem corporal ou voz, tanto sozinha como diante de seus convidados.

O percurso começa na escolha do programa a ser estudado, no caso o Globo Esporte RS, bem como as edições a serem analisadas. A escolha foi por edições de 2020, priorizando o material mais recente.

O *Corpus* de análise é composto por 5 edições do programa, exibidas durante o mês de setembro de 2020, que apresentaram diferentes matérias esportivas, durante as quais Alice foi a apresentadora responsável, com a participação ou não de convidados, cujas participações se deram, em razão do contexto da pandemia mundial e do necessário distanciamento social, de forma remota, através de chamadas de vídeo.

Foi observada a atuação da jornalista Alice Bastos Neves, no programa Globo Esporte RS, gravado de segunda a sexta de, no período entre 21 e 25 de setembro de 2020. O programa tem duração média de 20 minutos, divididos em três blocos, onde o primeiro é sempre o que ocupa a maior duração e traz as principais notícias, principalmente da dupla gre-nal. O segundo e o terceiro blocos são destinados a notícias relacionadas aos demais times e a outras

competições, como o futebol feminino, basquete, fórmula 1, assim como os comentários de especialistas e demais quadros do programa. Sendo assim, foram selecionados:

- Globo Esporte RS de 21/09/20, segunda-feira, apresentadora Alice Bastos Neves, convidado o jornalista Maurício Saraiva. Programa dividido em três blocos: Primeiro bloco com os seguintes temas abordados: Resumo e comentários do jogo do Grêmio 1x1 Palmeiras, reportagem do grêmio com o repórter Victor La Regina e matéria com os demais gols do campeonato. Segundo Bloco: Jogo do Internacional 0x1 Fortaleza e quadro “Americão”. O Terceiro bloco: Circuito de vôlei de praia, jogos dos times gaúchos no campeonato brasileiro série B e D. Reportagem do jogo de basquete dos EUA. Duração total do programa: 0'18"34.
- Globo Esporte RS de 22/09/2020, terça-feira, apresentadora Alice Bastos Neves, sem convidados. Primeiro bloco: Reportagem sobre torcedores da dupla Gre-Nal com o repórter Bruno Halpern, reportagem sobre D'Alessandro com o repórter Victor La Regina, reportagem sobre jogadores do Grêmio. Segundo bloco: Reportagem sobre o jogador Cavani; Reportagem sobre jogador Ferreira, com o repórter Leonardo Muller, e jogos da Copa do Brasil e times gaúchos na série B do brasileiro. Terceiro bloco: Reportagem sobre o jogo gre-nal, com o repórter Bruno Halpern e quadro “Americão”. Duração total do programa: 0'18"52.
- Globo Esporte de RS 23/09/20, quarta-feira, apresentadora Alice Bastos Neves, convidados os repórteres Bruno Halpern e Fernando Becher. Primeiro Bloco: Reportagem com torcedores da dupla gre-nal, pelo repórter Bruno Halpern. Segundo bloco: Torcida nos estádios, Copa do Brasil, gols dos times brasileiros na libertadores, reportagem do gre-nal com o repórter Victor La Regina. Terceiro bloco: Continua em assuntos do Grêmio e do Internacional, quadro “Americão”. Duração total do programa: 0'19"49.
- Globo Esporte RS de 24/09/20, quinta-feira, apresentadora Alice Bastos Neves, o convidado é Mauricio Saraiva. Primeiro bloco: Reportagem do jogo gre-nal pela taça Libertadores da América. Segundo bloco: breves reportagens sobre Fórmula 1 e Basquete americano, quadro “Americão”. Terceiro bloco: Nova reportagem sobre gre-nal e dois pintores que retrataram o jogo. Duração total do programa: 0'21"40.
- Globo Esporte RS de 25/09/2020, sexta-feira, apresentadora Alice Bastos Neves, sem convidados. Primeiro bloco: Reportagem sobre o jogador do grêmio, Pepe, que fez o gol do último gre-nal, pelo repórter Leonardo Muller, e cenas dos bastidores do jogo,

reportagem dos gols da rodada de quinta-feira. Segundo bloco: Reportagem sobre o Internacional, com o repórter Victor La Regina. Gols do inter sub 20. Terceiro bloco: Breve matéria sobre NBA e Fórmula 1, Campeonato brasileiro feminino, quadro “Americão”. Duração total do programa: 0'18"81.

Uma vez que o objetivo desse trabalho é analisar a atuação de Alice, a partir das observações dos cinco programas, conceituamos a atuação da apresentadora de acordo com as categorias formuladas no subcapítulo anterior. As categorizações serão pontuadas pelas falas destacadas, dela e dos integrantes do programa nas edições analisadas.

3.1 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO PROGRAMA GLOBO ESPORTE

Nunca é tarde para ressaltar a predominância dos homens em todos os meios possíveis, e a restrição da mulher em sempre ser considerada “do lar”, ou o exercício de funções menos relevantes na sociedade. Tudo isso mudou no Brasil do século XIX, quando as mulheres passaram a ter direito à educação, sendo os jornais e revistas as primeiras publicações delas. As transformações que ocorreram na Europa exerceram influência no cenário brasileiro que, conforme aponta Constância Lima Duarte (2016), assiste, no mesmo período, à consolidação de uma literatura, uma imprensa e uma consciência feminista. Assim descreve Duarte (2016) as feministas da época:

E independente de serem poetisas, ficcionistas, jornalistas ou professoras, a leitura lhes deu consciência do estatuto de exceção que ocupavam no universo de mulheres analfabetas, da condição subalterna a que o sexo estava submetido, e propiciou o surgimento de escritos reflexivos e engajados, tal a denúncia primeiras mulheres alcançam o letramento, elas passam a se apoderar da escrita crítica e da denúncia da condição e o tom reivindicatório que muitos deles ainda hoje contêm. (DUARTE, 2016, p. 14).

A evolução no telejornalismo é constantemente necessária e, assim como ele, a produção, os textos, a reportagem e, claro, os apresentadores também estão sempre em busca de mudanças positivas para atrair ao público. Ao jornalista que participa de todo o processo de produção e, além da apresentação, também comenta, interpreta e opina sobre as notícias, chama-se âncora.

Barbara Walters foi a primeira mulher âncora da história do telejornalismo. Esse fato histórico para o jornalismo ocorreu na rede American Broadcasting Company (ABC), em 1976. Barbara foi, naquele momento, coâncora do ABC Evening News, que era um noticiário

noturno. No Brasil, Valéria Monteiro ganha esse posto de primeira mulher âncora, ao apresentar o jornal Nacional da Rede Globo, em 1992.

Atualmente, é muito mais comum apresentadores que são verdadeiros agentes sociais, ou seja, que interpretam e quase sempre opinam sobre as notícias, do que aqueles jornalistas de antigamente, que apenas liam as informações do roteiro diante das câmeras. É nessa hora que o carisma, a credibilidade e o talento para apresentar são decisivos na escolha da programação pelo público. (SILVA, 2020).

Assim como qualquer outro jornalista, o esportivo tem que seguir as mesmas regras de ética dos demais profissionais da comunicação e, por se tratar de um segmento em que as informações mudam constantemente, deve-se ter o mínimo de conhecimento sobre os temas abordados. Por essa razão, é essencial sempre atualizar-se e manter-se informado sobre todos os assuntos do esporte.

Desse modo, na análise do programa selecionado foram levados em consideração os traços de conduta de Alice Bastos Neves, durante sua performance como âncora, assim como o seu conhecimento no campo esportivo. O objetivo é identificar como é representada a jornalista nesse aspecto e observar se há uma ênfase na profissional pelo fato de ser mulher, do cenário histórico anteriormente abordado até a atualidade. Foi observado e analisado o comportamento de Alice em um meio considerado masculino, principalmente por ser um programa esportivo de grande audiência na televisão aberta do país.

3.2 A EXPRESSIVIDADE VOCAL E LINGUAGEM CORPORAL DA APRESENTADORA

A comunicação não depende só dos elementos verbais, mas também dos não-verbais, como voz, gestos e expressão facial. Todos esses fatores concorrem para instaurar a credibilidade na transmissão de informação ao telespectador. Kyrillos (2003), aponta que “num meio audiovisual, a comunicação não-verbal envolve também a expressividade do corpo, transmitida por gestos, expressões faciais, mudança de postura corporal, aparência física e até a roupa usada” (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, p. 67).

O corpo se comunica, seja nos gestos das mãos, no posicionamento perante a câmera ou através da expressão facial como um todo. Cada âncora tem uma maneira diferente de se manifestar, dependendo da notícia que precisa informar e do cenário e formato do programa. Neste caso, todas as notícias têm relação com o esporte, e, novamente, Kyrillos (2003) afirma que, na televisão, durante a apresentação de uma matéria de esporte e competição, pode surgir

a necessidade de utilizar uma velocidade mais acelerada e um tom de voz mais agudo, para transmitir entusiasmo e energia.

A expressão corporal é uma maneira involuntária do corpo se manifestar e, se bem desenvolvida, pode representar várias coisas, por isso o cuidado na maneira de expressar se, com cuidado no posicionamento correto dos braços, pernas e corpo. Por fim, é necessária uma boa oratória, que consiste em uma série de regras e técnicas de discurso, de modo que o orador possa informar, entreter, emocionar e envolver seu interlocutor. Para uma comunicação eficaz, cinco perguntas básicas devem ser feitas para formular o texto do discurso: quem diz, o que diz, para quem diz, onde diz e por que diz. Todos esses questionamentos contribuem para que sua mensagem seja recebida da melhor maneira possível pelos telespectadores.

3.3 ENQUADRAMENTOS E VESTUÁRIO DA APRESENTADORA

Dentro do estúdio, os apresentadores estão em um ambiente com uma situação mais controlada do que se estivesse fora dele, pois, além de estar amparado por uma equipe maior, a sua atividade restringe-se a relatar as informações coletadas pelos repórteres em capo, sem a interatividade direta com o público, o que ocasiona, muitas vezes, situações constrangedoras. A responsabilidade de estar em uma transmissão ao vivo, porém, requer do profissional competência e seriedade, afinal, o âncora geralmente é um profissional experiente, com domínio de todas as situações (YORKE, 1998).

Em muitas situações, o âncora não necessariamente produziu a matéria noticiada, mas envolve-se na produção. Também pode ser conhecido como “anchorman”, termo usado pelos americanos, nos dias de hoje, para designar o profissional que, além de apresentar o telejornal, costuma acumular a atividade de editor-chefe ou editor executivo. Ele precisa saber de todas as diretrizes:

O âncora conhece toda a cadeia de produção jornalística e é, indiscutivelmente, pessoa com ascendência e autoridade na equipe. Ele não é importante porque é o principal contato da audiência com o programa, mas pela liderança, coordenação e pelo profundo entendimento da sua circunstância e dos interesses públicos (CURADO, 2002, p. 54–55).

Este importante elemento do telejornalismo é aquele profissional que cuida diretamente de todos os comandos da produção de conteúdo (escrito, gráfico, imagem, etc.), além de fazer encadeamentos e amarrar as notícias, moldando-as ao estilo do telejornal. O âncora começa seu

trabalho muito antes do telejornal ir ao ar. Ele precisa estar na redação durante todo o processo de montagem, para decidir e conhecer o que será noticiado.

Perante esse cenário de grande importância e presença de palco, nesta categoria foram analisados os enquadramentos que conferiram maior destaque à apresentadora, com potencial de traçar sua identidade profissional e pessoal.

Na categoria da imagem, foram incluídas descrições do programa que se referem à forma como a jornalista é priorizada, à maneira que sua beleza é explorada e à escolha do vestuário utilizado pela mesma. O objetivo é identificar como este fator é explorado e pode revelar a representação da mulher, ainda ligada a estereótipos e padrões da beleza feminina.

Podemos, dessa maneira, ver como ela se comporta diante da televisão, com seus gestos, comentários e até sua vestimenta. Como contextualiza Kyrillos (2003):

“o vestuário de quem faz uso profissional da voz merece uma nota especial: Suas roupas não podem, de maneira nenhuma, pressionar a região da garganta e do diafragma (cintura). Prefira tecidos leves. (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, p. 80).

Trata-se de um ponto relevante da análise, pois, como qualquer outro profissional da mídia, suas vestimentas não devem chamar mais atenção do que a notícia, a não ser que essa seja a intenção. Caso contrário, o look pode ser mais despojado, mas com peças mais sérias para a ocasião. Portanto, esse ponto também foi observado durante as edições. Além, é claro de cabelo, maquiagem, os calçados usados (salto alto ou não) e tudo que envolve o mundo feminino no dia a dia.

4 ANÁLISES

4.1 ANÁLISE DO PROGRAMA GLOBO ESPORTE E DA REPRESENTAÇÃO FEMININA DE ALICE

Cada programa de televisão tem um formato específico e precisa de alguém que tenha um perfil adequado às suas especificidades para conduzi-lo da melhor maneira possível. Diferente de um ator, que representa uma outra pessoa, o apresentador mostra sua própria personalidade durante a apresentação dos programas. Dessa forma, foi possível verificar algumas características principais de Alice, como a alegria, a simpatia e a espontaneidade, fazendo com que conquiste a empatia do público.

Ela é o ponto de referência do programa, até pelo fato de ser a âncora, e a maneira que a mulher é representada em um programa esportivo influenciará na representação social sobre o gênero feminino, pois os meios de comunicação são responsáveis pela construção de sentidos de cada indivíduo em sociedade. Pinto e Souza (2009) afirmam que os meios de comunicação (televisão, revista, internet, rádio) detêm forte influência na formação da identidade, desempenhando um papel fundamental para o encontro de culturas, sua apropriação e ressignificação, ao mesmo tempo em que contribuem para moldar, nos indivíduos, as maneiras de apreender o mundo, participando da estruturação da sociedade e sendo por ela estruturada .

Moscovici (1978) afirmou que as representações são responsáveis por comportamentos e atitudes dos indivíduos da coletividade, mas sofrem alterações a partir da vivência na qual é forjada. “A construção das representações é multifatorial, e elas serão tão diversas quantas forem as opiniões de onde nascem e os objetos passíveis de representação” (MOSCOVICI, 1978, p. 62). Segundo o autor, pensando dessa forma, estudar as representações poderia ser uma maneira de desvendar a sociedade tal como ela é percebida por seus atores. As representações sociais explicariam como alguns comportamentos vistos como naturais foram, em verdade, construídos “naturalmente” através do contato social. Uma representação fala tanto quanto mostra, comunica tanto quanto exprime. No final das contas, ela produz e determina os comportamentos, pois define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam. A representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos (MOSCOVICI, 1978).

A condução do programa é realizada por Alice, que faz comentários em cada bloco e interage com os telespectadores, assim como conduz as entrevistas com os convidados.

Algumas reportagens também são feitas por ela, mostrando assim seus conhecimentos sobre os mais diversos temas abordados.

A partir disso, podemos dizer que a apresentadora consegue “quebrar” a ideia, ainda presente na sociedade, de que as mulheres não entendem de futebol ou de esportes, e que, nessa área, predomina a opinião masculina. Com a representação de Alice no programa, é notória a contribuição para uma sociedade mais igualitária em relação à percepção sobre a mulher. Mostrando, mais uma vez, que as mulheres podem estar inseridas em qualquer setor da sociedade.

Apesar dos avanços, a desigualdade ainda existe e há muitos obstáculos nos caminhos da cidadania feminina. Mesmo depois de muitas lutas vencidas contra a dominação masculina, a representação estereotipada das mulheres nas televisões e nas revistas parece não ter fim e continua. Para Barchet (2010), tanto os meios de comunicação tradicionais (televisão, rádio e impressos) quanto os novos (internet) insistem em exibir boas meninas e mulheres bonitas, que retratam o modelo feminino ideal. Imagens que se repetem e se somam na mesma mensagem sobre como as mulheres devem ser e como elas deveriam gostar de ser (BARCHET, 2010, p. 42).

A imagem das mulheres nos meios de comunicação, em propagandas ou programas, é associada à beleza. Essa característica se intensificou no jornalismo com o início das transmissões televisivas, quando a imagem do jornalista se tornou mais visível, e não apenas a voz ou as palavras, como era possível no rádio e nos veículos impressos. Conforme explica Dora Rocha (2006):

A partir dos anos 70, houve um aumento do prestígio da profissão de jornalista. O status de jornalista é considerado elevado em relação a outras profissões, como a de professor, por exemplo. Esse prestígio está relacionado, em grande parte, ao jornalismo de televisão, que inclusive deu às mulheres maior visibilidade. (ROCHA; ABREU, 2006, p. 10).

A relação entre discurso e imagem, na atuação de um âncora jornalístico como Alice, resulta num verdadeiro “cartão de visitas” do profissional, que deve preocupar-se com questões que vão do figurino à elaboração do discurso em frente às câmeras. Com a visibilidade dos apresentadores, comentaristas, jornalistas e repórteres, a televisão descobriu que trazer para frente das câmeras pessoas que refletissem um ideal de beleza presente na sociedade poderia ser uma forma de atrair mais audiência. E o jornalismo esportivo não fugiu à regra.

O foco deste trabalho não é o estereótipo da apresentadora, mas sim a forma com que conduz um programa esportivo, desde a reunião de pauta, texto, reportagens, figurino e suas particularidades, assim como seu comportamento gestual.

4.2 A LINGUAGEM CORPORAL DA APRESENTADORA

Nesta categoria de análise, investigam-se as estratégias corporais de Alice Bastos Neves, como suas marcas que a individualizam durante a apresentação do programa. São essas marcas que agregam informações ao seu discurso, gerando, assim, suas características profissionais e pessoais. O posicionamento das mãos, ou seja, os seus gestos manuais, devem estar em sintonia com o que é falado, a fim de dar credibilidade ao seu telespectador.

O gesto manual correto identifica-se plenamente com o pensamento e o sentimento do orador, a mensagem. [...] As mãos devem ilustrar a sequência das ideias em seu pensamento e comunicar com expressividade única, emprestando à fala atributos próprios ao gesto. As mãos “desenham” a fala, pontuando e fixando suas ideias para o ouvinte (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, p. 72).

Além dos gestos manuais, acrescentam-se aos critérios de análise a expressão facial, a acomodação do corpo e os movimentos dos braços. Além disso, o enquadramento da câmera utilizado, cujo objetivo é favorecer as feições e movimentos da apresentadora, foi levado em conta na análise das estratégias corporais de Alice e suas contribuições de sentido para o discurso emitido.

No telejornalismo, a linguagem corporal é capaz de despertar uma interpretação inadequada por parte dos telespectadores. Os âncoras, ao manifestarem-se corporalmente, na grande maioria das vezes, não estão emitindo uma opinião, embora ocorram depreensões de significado pelo público. A maneira como o âncora transmite as informações reflete-se na empatia do telespectador. É possível afirmar que todos os apresentadores de todos os telejornais fazem uso de alguns gestuais com tal finalidade.

É muito comum as pessoas gesticularem, movimentarem partes do rosto (como as sobrancelhas) e, até mesmo, moverem o próprio corpo, com propósitos comunicacionais, sejam eles voluntários ou involuntários. Grotowski (apud KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003) diz que “o essencial é que tudo deve vir do corpo e através dele. Primeiro, e acima de tudo, deve existir uma reação física a tudo o que nos afeta. Antes de reagir com a voz, deve-se reagir com o corpo. Se o homem pensa, deve pensar com o corpo”. (GROTOWSKI apud KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, p. 67).

No telejornalismo, o telespectador é atraído tanto pelo que ouve como pelo que vê, por isso a grande importância da comunicação não-verbal, pois ela acaba sendo um grande aliado no momento de passar a informação, e esta pode ganhar um grande destaque se corretamente empregada.

Dito isto, é compreendido que qualquer movimento, por mais simples que pareça ser, pode chamar a atenção do público e ser interpretado de diferentes maneiras. Até mesmo um levantar de sobrancelhas, por exemplo, nada passa despercebido. As expressões faciais são corriqueiras e podem acontecer naturalmente, sem que o apresentador perceba.

Kyrillos, Cotes e Feijó (2003) apontam que temos a tendência de separar as expressões faciais do nariz para cima e/ou do nariz para baixo. Já os gestos manuais, se executados de maneira correta, irão complementar a fala. Por isso os movimentos de demarcação realizados pelas mãos fazem com que as palavras verbalizadas ganhem um sentido ainda maior (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, p. 32).

A seguir, as imagens com as análises feitas durante os cinco programas. Na primeira imagem (Figura 1), a apresentadora inicia o programa com “*Oi gente! Muito boa tarde, bem vindos ao Globo Esporte*”. Sorridente, ela aparece de corpo inteiro e se movimentando até o meio do estúdio, onde passa a plano médio e gesticula com uma das mãos. Sua expressão facial também muda após dar a notícia de que Grêmio e Internacional apenas empataram seus jogos no final de semana, passando uma impressão de insatisfação pelos resultados obtidos pelos times. Criando uma certa intimidade com o público, que, por ser composto por torcedores de um ou outro clube, também não gostaram do resultado. Essa proximidade da apresentadora com o seu público faz dela, mais do que a transmissora de informação, uma companheira do telespectador.

Durante o primeiro bloco do programa, Alice aponta com seu indicador direito para o telão (Figura 2), onde está exposta a foto do jogador D'alessandro, pois ele seria o próximo assunto a ser abordado na reportagem. Já a sua outra mão não aparece, porém está segurando o script do programa. A apresentadora está sorridente e confiante ao falar e chamar a matéria. Na continuação do programa, Alice muda de lado do telão e também aponta para ele ao falar de outro jogador, agora do Grêmio. Ao voltar do intervalo, a camera filma em plano geral e, aos poucos, se movimenta até a posição mais frequente durante o programa, que é Alice em plano americano. A cada assunto diferente abordado, ela troca de lado do telão, revezando entre a direita e a esquerda.

Figura 1 - Alice na apresentação do programa exibido em 21/09/2020.



Fonte: Programa Globo Esporte RS.

Figura 2 - Alice na apresentação do programa exibido em 22/09/2020.



Fonte: Programa Globo Esporte RS.

Na figura 3, a apresentadora aparece em plano médio, com um aspecto mais retraído, talvez por anunciar que o clube gaúcho perdeu o jogo pela Copa do Brasil, porém, em seguida, ela abre um sorriso ao anunciar que, mesmo com a derrota, o time da serra conseguiu a

classificação para a próxima fase. *“Pela Copa do Brasil, o Juventude perdeu para o CRB, mas conseguiu a classificação por causa do placar do primeiro jogo [...]”*.

Na figura 4, a jornalista encontra-se em plano geral, com todo seu corpo em cena, o pé direito levemente levantado, como se fosse caminhar até a câmera, quando, na verdade, é uma postura que ela normalmente faz para girar seu corpo na passagem de uma matéria para outra, ou até mesmo na entrada da própria matéria que está na tela. Nesse caso, entraria a matéria referente ao clássico grenal. Ainda nessa imagem, seu braço e sua mão estão em movimento, pois a apresentadora está explicando algo referente ao jogo.

Figura 3 – Alice na apresentação do programa exibido em 23/09/2020.



Fonte: Programa Globo Esporte RS.

Figura 4 - Alice na apresentação do programa exibido em 24/09/2020.



Fonte: Programa Globo Esporte RS.

No programa de sexta-feira, a animação de Alice estava em evidência (Figura 5): *“Oi gente, muito boa tarde! Que bom começar assim, em alto astral, vem com a gente [...]”*. Na imagem anterior, a âncora aparece em plano geral, com todo seu corpo em cena, seu rosto com um leve sorriso, pernas juntas, o braço esquerdo levemente elevado e segurando o script, e o braço direito convocando o telespectador a acompanhar o programa. Por ser o penúltimo programa da semana (no sábado, a apresentação fica com outros jornalistas), as principais notícias do esporte já foram apresentadas, então a maioria das reportagens ganha um ar de mais leveza.

Figura 5 - Alice na apresentação do programa exibido em 25/09/2020.



Fonte: Programa Globo Esporte RS.

4.3 ENQUADRAMENTO

As diferentes técnicas audiovisuais ajudam a passar a mensagem da informação da melhor maneira possível, e o enquadramento é um desses importantes recursos de linguagem. Escolher o posicionamento de câmera certo pode levar o público a ter sensações específicas, e permite que as informações sejam passadas com ainda mais credibilidade. Os principais posicionamentos de câmera são:

O **plano aberto**, também conhecido como plano geral, é o que mostra uma visão panorâmica, e tem a função de exibir o ambiente ao público. O **plano médio** é um pouco mais próximo que o aberto, mas ainda mostra bastante do ambiente. O chamado **plano americano**, também conhecido como médio/moderado, é um enquadramento que caminha para o campo das expressões. Nele, embora ainda mostre um pouco do ambiente, a câmera normalmente apresenta os personagens dos joelhos para cima e não enfoca em temas. O **primeiro plano**, ou *close-up*, é um dos mais conhecidos e serve para dar foco aos sentimentos do personagem ou apresentador (a).

Já no **primeiríssimo plano**, as lentes da câmera, enquadrando o rosto, aprofundam ainda mais o sentimento do personagem, aproximando o telespectador. O **Plano detalhe** serve para dar foco a algum objeto pequeno, em geral desconhecido, assim como o ambiente, com o objetivo de criar uma sensação de mistério.

O **plano sequência** é muito conveniente para dar a ideia de continuidade, ou mesmo de dinamicidade. Ele é caracterizado por ser um *shot* sem cortes, pelo menos aparentemente, e garante resultados incríveis, principalmente em temáticas de ação. Já o **inicial, ou de passagem**, é um dos planos de câmera empregados para situar o público quando há mudança de localização na narrativa, possibilitando ao diretor a escolha de um plano aberto, com a utilização de cortes na transição entre ambientes.

Ao analisarmos a programação na qual Alice foi apresentadora, é possível observar que na abertura do programa, a exemplo do dia 21 de setembro de 2020 (Figura 6), ela se apresenta em plano aberto, apesar de ser um enquadramento raro nesse momento do programa. Como é possível perceber na imagem a seguir (Figura 6), Alice está normalmente localizada à direita ou à esquerda do telão, configurando-se em plano médio, que, embora ainda mostre um pouco do ambiente, dá destaque para as expressões da apresentadora.

Quando o destaque é para algo, de certa forma, grandioso, a exemplo da figura 7, do dia 22 de setembro de 2020, em que o programa deu destaque ao próximo jogo de importância, o Gre-Nal pela taça Libertadores da América, Alice se destacava em plano aberto, que também é utilizado, como mencionando anteriormente, na abertura e no fechamento do programa. Esses são os únicos momentos do programa em que o telespectador pode ver a apresentadora de corpo inteiro, o que configura que não é seu corpo que merece destaque, e sim a informação a ser passada.

O destaque da figura 8, referente ao programa exibido em 23 de setembro de 2020, é o enquadramento em primeiro plano, responsável por uma maior proximidade com o telespectador, contribuindo para ganhar a atenção do mesmo durante a apresentação de uma informação que requer bastante atenção. A notícia em questão é sobre a contaminação dos jogadores do Flamengo pelo covid-19, temática de relevo e interesse público, uma vez que envolve uma situação que afeta à sociedade como um todo.

Figura 6 - Alice apresentando o programa exibido em 21/09/2020.



Fonte: Programa Globo Esporte RS.

Figura 7 – Alice apresentando o programa exibido em 22/09/2020.



Fonte: Programa Globo Esporte RS.

Figura 8 – Alice apresentando o programa exibido em 23/09/2020.



Fonte: Programa Globo Esporte RS.

Na imagem do dia 24 de setembro de 2020 (Figura 9), Alice se posiciona à direita do telão, como é seu costume, anteriormente mencionado, de transitar entre a direita e a esquerda da tela, sempre em corpo médio, aparecendo dos joelhos para cima. Quando assim posicionada, a apresentadora passa a sensação conformidade com as informações do telão, sua presença complementando a mensagem que transmite. Neste caso, merece destaque o quadro do Americão, onde os telespectadores enviam fotos de seus animias de estimação, a maioria cachorros, assistindo ou com vestimentas de Grêmio ou Internacional. No momento da exibição dessas fotos, abria apenas para elas e Alice saía de cena. Este quadro era normalmente no final da programação.

No programa do dia 25 de setembro de 2020 (Figura 10), a âncora está posicionada um pouco à frente do telão. Seu corpo está inclinado para a frente, como se ela fosse caminhar em direção à câmera. Como a informação a ser passada era apenas uma notícia rápida, a respeito de um jogo da Copa Do Brasil, não havia necessidade de dar tanto destaque ao telão, que apenas contém o nome da competição que estava sendo abordada. A figura 15, abaixo, é a que representa este momento.

Figura 9 - Alice apresentando o programa exibido em 24/09/2020.



Fonte: Programa Globo Esporte RS.

Figura 10 - Alice apresentando o programa exibido em 25/09/2020.



Fonte: Programa Globo Esporte.

4.4 VESTUÁRIO

As roupas usadas por Alice durante a apresentação do programa são, em sua maioria, escolhidas por um departamento de vestuário da equipe da RBS TV, que veste todos os apresentadores da emissora. Porém, eventualmente, a jornalista utiliza suas próprias peças pessoais, conforme a própria apresentadora relatou em sua entrevista para este trabalho.

As imagens a seguir (figuras 11 a 15) mostram os figurinos utilizados pela apresentadora durante a semana analisada. Percebe-se, nessas cinco composições, que o estilo é muito parecido: roupas sóbrias, sempre com camisas e calças, e, por ser uma semana de clássico Gre Nal, ela fugiu de roupas nas cores azul ou vermelha, o que poderia causar um certo desconforto em torcedores de um ou de outro clube, tamanha a rivalidade.

Observa-se também que não há uma exploração da feminilidade da mulher, Alice não chama atenção por looks ousados, que poderiam ser atribuídos a uma forma de sedução, como vestidos, saias ou blusas decotadas. O que se vê é exatamente o contrário, seu corpo está, na maioria das vezes, muito coberto. Ao usar tênis, o que, aliás, foi observado nos cinco programas, Alice parece estar se sentindo muito confortável.

Figura 11 – Vestuário de Alice em 21/09/2020.



Fonte: Programa Globo Esporte RS.

Figura 12 - Vestuário de Alice em 22/09/2020.



Fonte: Programa Globo Esporte RS.

Portanto, a análise dos figurinos completa as representações de Alice durante o programa, afinal, seu vestuário também passa informações e deve ser explorado. Eles traduzem o perfil idealizado pela apresentadora e estão conectados às estratégias discursivas e corporais.

As calças, na sua maioria, são de cor escura, apenas na Figura 15 ela está com uma calça branca, até para combinar com sua blusa colorida, o que passa um “ar” de alegria, assim como o programa, transmitido em uma sexta-feira, normalmente um dia da semana aguardado por muitas pessoas. Suas camisas são sempre coloridas e normalmente largas, não deixando, assim, tão à mostra a sua silhueta, todas com decote leve ou ausente. Já nos calçados, durante a semana analisada, Alice abriu mão do salto alto e/ou usou algo mais confortável, como tênis e sapatilhas. A partir disso, é possível caracterizar o vestuário como um que é informal e não chama atenção para o corpo da apresentadora.

Figura 13 – Vestuário de Alice em 23/09/2020.



Fonte: Programa Globo Esporte RS.

Figura 14 – Vestuário de Alice em 24/09/2020.



Fonte: Programa Globo Esporte RS.

Figura 15 – Vestuário de Alice em 25/09/2020.



Fonte: Programa Globo Esporte RS.

A seguir, o quadro 2 apresenta as cores de roupas e acessórios utilizados por Alice Bastos Neves, durante os cinco programas analisados:

Quadro 3 – Descrição do vestuário de Alice Bastos Neves durante a apresentação do Globo Esporte RS.

(continua)

DATA	CAMISA	CALÇA	SAPATO	ACESSÓRIOS
21/09/2020	Cor: Verde Blusa feminina manga curta bufante, estilo princesa.	Cor: Preta Calça Jeans rasgada na altura dos joelhos.	Tênis escuro.	Brinco e anéis.
22/09/2020	Cor: Rosa, com gola estilo V, manga longa.	Cor: Preta.	Tênis preto.	Brincos e anéis.
23/09/2020	Cor: Branca, estilo social.	Cor: azul escuro.		Brincos e anéis.

Quadro 3 – Descrição do vestuário de Alice Bastos Neves durante a apresentação do Globo Esporte RS.

(conclusão)

DATA	CAMISA	CALÇA	SAPATO	ACESSÓRIOS
24/09/2020	Cor: Rosa; manga curta.	Cor: Preta, até a altura da canela.	Tênis preto.	Brincos e colar longo.
25/09/2020	Cor: Colorida Blusa tomara que caia, meia manga; listrada em cor-de-rosa, amarelo, branco e preto.	Cor: Branca Calça Cigarrete Pantalona.	Tênis da cor cinza com branco.	Colar, anéis e unhas na cor de esmalte escuro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa conduzida neste estudo obteve, entre seus principais pontos positivos, um maior conhecimento sobre a luta das mulheres, desde as pequenas causas até a atualidade, mesmo que tenham se passado tantos anos e as batalhas por igualdade de gênero continuem. É também importante ressaltar a percepção adquirida de que, mesmo devagarzinho, as mulheres estão encontrando seu espaço na mídia esportiva, além da certeza de que Alice é um grande exemplo para a geração de mulheres que deseja ingressar no mesmo meio. A sua atuação comprova que, sim, uma mulher pode “comandar” um telejornal esportivo em TV aberta.

O jornalismo esportivo segue sendo um desafio para as mulheres, mesmo que algumas portas já tenham sido abertas, a muito ainda a se melhorar. E como já vimos anteriormente a capacidade do sexo feminino nesse ramo é indiscutível, mesmo que o machismo manifestado através do preconceito e do assédio persiste a todas essas mulheres que escolheram esta profissão, ainda persista.

Muitos homens ainda veem as mulheres como alguém incapaz de opinar sobre determinados assuntos, principalmente quando se trata de esportes, e as mulheres por muitos anos não puderam nem praticar esportes, muito menos opinar sobre eles. Mas isto mudou ou está mudando, e assim como Alice Bastos Neves na atualidade, todas nós temos que lutar para termos a mesma voz que os homens.

Frequentemente as mulheres lidam com o contrangimento de ter que provar que entendem de esportes e ainda mostrar que sua aparência não deve ter um destaque maior do que a notícia a ser passada. É muito difícil mudar a cultura de um povo, mas quando se refere a preconceito, de qualquer modalidade, é um mal necessário, se podemos chamar assim. A mulher que entende de esporte para ser uma excessão, e isso deve ser quebrado, assim como no jornalismo esportivo a ideia de que s[ó] existe o futebol, outra inverdade a ser batida.

Uma das principais dificuldades encontradas para a realização desta pesquisa foi a pequena quantidade de estudos realizados com a finalidade de analisar o papel das mulheres no jornalismo esportivo. Ao mesmo tempo em que, justamente, a presença ainda pequena de mulheres no jornalismo esportivo resulta na escassez bibliográfica acerca do tema. Além dos livros mencionados neste trabalho, existem poucas obras que dedicam capítulos ou tópicos sobre o assunto. Dificuldades se apresentaram também na busca por publicações que abordam a linguagem corporal no contexto jornalístico, uma vez que, em sua maioria, restringem-se ao contexto teatral.

Em verdade, essa é uma questão para o jornalismo esportivo em si mesmo, área comumente menosprezada nos estudos jornalísticos. Até o início do século XX, o esporte não era uma editoria privilegiada e nem chegava ao ponto de ser manchete de um jornal. Tudo mudou, principalmente, em decorrência da paixão pelo futebol, esporte natural da Inglaterra, praticado pela elite mas de fácil entendimento, em razão de suas regras de fácil compreensão, que ganhou o mundo e, especialmente, os brasileiros, tornando-se o responsável por alavancar o jornalismo esportivo no país.

Entretanto, assim como podemos ver que um grande programa esportivo gaúcho é comandado por uma mulher, e não qualquer mulher, uma guerreira e vitoriosa mulher, os números também melhoraram para o sexo feminino nos mais variados âmbitos de atuação, mesmo que ainda encontrem desvantagens, se comparados aos dos homens. Outra dificuldade, não menos importante, foi conseguir escrever uma monografia em meio a uma pandemia mundial, onde os problemas, das mais variadas naturezas, agravaram-se, e a concentração e desempenho de estudantes e professores caiu bastante, se comparados aos anos anteriores. Mesmo com toda essa dificuldade, e várias incertezas diárias, foi possível concluir esta pesquisa.

Finalizo com grande satisfação, após quase um ano de estudo e pesquisa, além de, claro, algum *stress* e vontade de desistir, sabendo que, apesar dos contratemplos, tudo deu certo ao final. Chego, assim, à conclusão de mais uma etapa muito importante da minha vida acadêmica, assim como uma realização pessoal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBEIRO, Heródoto. **Fora do ar: Histórias dos Bastidores do Rádio e da Televisão** contadas pelo âncora da CBN e da Tv Cultura. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. *E-book*.
- BARCHET, Rita. **A construção da identidade da mulher na revista feminina Trip Para Mulher**. Tese de Conclusão de Curso. Faculdade Ruy Barbosa (BA), 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Editora 70, 1977. *E-book*.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. *E-book*.
- COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004. *E-book*.
- CURADO, Olga. **A notícia na TV: O dia-a-dia de quem faz telejornalismo**. 2. ed. São Paulo: Alegro, 2002. *E-book*.
- DUARTE, Constância Lima. **Imprensa Feminina e feminista no Brasil – Século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. *E-book*.
- FERRÉS, J. **Televisão subliminar: socializando através de Comunicações Despercebidas**. Porto Alegre: Artmed, 1998. *E-book*.
- GOELLNER, Silvana Vidrole. **Pode a mulher praticar futebol? In: CARRANO, Paulo Cezar Rodrigues (org.). Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. *E-book*.
- KYRILLOS, Leny; COTES, Claudia; FEIJÓ, Débora. **Voz & Corpo na TV: a fonoaudiologia a serviço da comunicação**. São Paulo: Globo, 2003. *E-book*.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. *E-book*.
- MOSCOVICI, Sergio. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. *E-book*.
- PAIVA, Raquel. **Política: palavra feminina**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. *E-book*.
- PINTO, A. J. A.; SOUZA, S. R. S. **Opinião, mídia televisiva, gênero e cultura na contemporaneidade**. In: PINTO, A. J. A.; SOUZA, S. R. S. (org.). **Opinião na mídia contemporânea**. São Paulo: Arte e Ciência, 2009. p. 123–137. *E-book*.
- RAMOS, Ana Paula. **Mulheres jornalistas: a grande invasão**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. *E-book*.
- ROCHA, Dora; ABREU, Alzira Alves. **Elas ocuparam as redações: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. *E-book*.
- RONSONI, Caroline; RITTER, Regiani. **Presença feminina: ESPN eleva o protagonismo**

das mulheres. [s. l.], 2020. Disponível em: [https://medium.com/la-cancha/presen%C3%A7a-](https://medium.com/la-cancha/presen%C3%A7a)

ROZENBERG, Marcelo; RITTER, Regiani. **Terceiro tempo**. [s. l.], 2013. Disponível em: <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/regiani-ritter-3480>. Acesso em: 22 jun. 2020.

SILVA, Camila Passos Goulart. **Âncora**: posturas e evolução de uma atividade jornalística. **Temática**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 1–39, 2020.

SOUZA, José Carlos Aronchi. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004. *E-book*.

STAHLBERG, Lara Tejada. **Mulheres em campo**: novas reflexões acerca do feminino no futebol. São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 2011. *E-book*.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 678. *E-book*.

YORKE, Ivor. **Jornalismo diante das câmeras**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1998. *E-book*.

ANEXO A - ENTREVISTA COM A JORNALISTA ALICE BASTOS NEVES

A entrevista foi concedida por meio da rede social Whatsapp.

1) Como foi seu início de carreira como jornalista esportiva?

Quando eu cursei a faculdade não tinha intenção de trabalhar com esporte, eu gostava de jornalismo cultural, inclusive o meu TCC foi voltado a cultura e eu sai da faculdade e comecei a mandar currículos para vários locais, até que existia uma vaga no esporte na RBS TV, e a televisão nem era algo que encantava, eu gostava de rádio, e eu sonhava em trabalhar em revistas. Mas a vaga era essa, eu fiz o teste e passei. Em 2006 eu comecei a trabalhar com outros esportes e em 2007 aconteceria os jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro, então existia uma demanda muito grande pela cobertura de outras modalidades e não necessariamente o futebol. O programa que ia ao ar aos sábados de manhã era chamado RBS Esportes e fazendo a cobertura desses diferentes esportes me abriu muitas oportunidades. Ali eu aprendi como o esporte é rico em histórias, em humanidade e emoção. A partir de 2011 comecei a apresentar o Globo Esporte todos os dias.

2) Já sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher trabalhando com o esporte? Como conseguiu lidar com a situação?

Já sofri preconceito, mas não conseguiria relatar uma situação específica, mas posso falar da minha concepção pessoal com relação ao preconceito e ao olhar diferenciado pelo fato de ser mulher. Logo que eu comecei a trabalhar, tínhamos duas mulheres na redação da RBS TV e hoje somos sete, o que me deixa orgulhosa, apesar de sermos trinta e de eu saber que tem espaço para mais. Meu olhar hoje é outro quando eu percebo o andar dentro de um estádio de futebol com medo de ser mulher. Mas acho que a gente tem um caminho de evolução e o principal nesse caminho é o fato da gente estar falando mais sobre isso. Além de mulheres protegendo outras mulheres.

3) Quais os principais desafios de uma âncora esportiva na televisão brasileira?

Cada pessoa tem seus desafios pessoais, os meus é tentar usar o meu trabalho para impactar a sociedade positivamente de alguma forma, seja gerando uma emoção positiva em quem está me assistindo, seja tratando de temas críticos como racismo, LGBT, violência contra a mulher qualquer tipo de preconceito. Mostrando assim que além de informar e entreter, mas também para gerar reflexão.

4) *Você imaginava se tornar uma apresentadora de grande sucesso e tão querida pelos gaúchos?*

Eu não imaginava, foi algo que aconteceu e hoje eu vejo que o tanto falante que eu era nas reuniões familiares tinha um sentido. A minha mãe costuma me dizer que a diferença entre o meu trabalho e o dela é que o meu todo mundo vê, mas não tem diferença nenhuma de tantos outros trabalhos. Tenho a sorte de ser apaixonada pelo que eu faço e receber o carinho das pessoas, o que vem a partir do meu trabalho é algo que eu sou muito agradecida.

5) *Como é a rotina no programa Globo Esporte RS, em termos de bastidores, produção e edição do programa? Antes e agora durante a pandemia.*

A equipe do Globo Esporte é formada por um editor chefe, outros três editores e eu que sou a apresentadora e editora. Três editores de texto e três editores de imagem. Toda a equipe chega às 7 horas da manhã, encaminhamos as reportagens do dia pois muita coisa é feita no mesmo dia. Normalmente temos repórteres fechando materiais de Grêmio e Inter e as outras reportagens de gols e jogos e outros conteúdos, são nós mesmos que fizemos de manhã. Temos o desafio grande de vir após um jornal de variedades para o eixo do esporte, tentando conversar com a pessoa que gosta de esportes, que é fanático por futebol e precisa ter as suas demandas atendidas no programa e ao mesmo tempo com quem estava ali acompanhando a programação e queira permanecer com a gente. Após o programa, temos uma reunião para avaliar o programa e projetar o dia seguinte. Durante a pandemia reduziu o número de pessoas na redação, e eu por exemplo fico trabalhando de casa pela manhã e vou apenas para apresentar o programa, voltando para casa a tarde e continuo trabalhando.

6) *É você que escolhe seu figurino?*

É uma mistura, existe uma equipe de figurino da RBS TV, antes da pandemia ele era um departamento um pouco mais estruturado no sentido de atender a demanda de todas as apresentadoras e agora mudou um pouco. É tudo muito discutido, mas eventualmente eu uso roupas minhas, mas existe um cuidado pois mantemos um padrão da Rede Globo para o que vestimos no ar. No esporte procuramos que a roupa seja compatível com a editoria.

7) Como você avalia hoje a participação da mulher na mídia esportiva?

A mulher entendeu que esse espaço é dela e eu sonho com o dia que não vamos mais responder a pergunta de como é ser mulher em um ambiente masculino, mas entendemos que esse espaço é necessário. E isso se reflete em como o mercado esta mudando, mesmo sabendo que tem muito a evoluir.

8) Como você analisa o pequeno percentual de mulheres em postos mais importantes no mundo esportivo e na sociedade de um modo geral?

Esse elemento de poucas mulheres em posições mais importantes passa justamente por essa mudança mencionada anteriormente, de buscar igualdade salarial, de entender que a nossa voz tem tanto valor quanto a voz masculina e que não precisamos brigar por isso, precisamos ser reconhecidas. O gênero nunca pode ser determinante e isso é uma batalha que continua sendo travada todos os dias.

9) O que o mercado exige hoje de uma jornalista esportiva?

Além de sempre estar bem informada, tem algo bem importante que é termos bons valores, criar relações positivas com as pessoas que passam pelo nosso caminho desde a escola para a vida. Além de buscar cursos complementares, ser atenta ao mercado que está inserido, ter referências além do que se realmente gostaria de trabalhar.

10) Você já realizou todos os seus objetivos/sonhos como jornalista? Se não, o que ainda falta conquistar?

Eu realizo meus sonhos todos os dias na apresentação do programa, pois eu me desafio muito e pequenos objetivos que eu procuro cumprir e me realiza muito. Eu acredito que a gente

tem que criar nossos próprios desafios, e eu então faço isso. Claro que sempre tem mais coisas que queremos fazer, este ano eu queria ter ido na Olimpíada de Tóquio. Eu quero poder contar mais histórias, conhecer mais pessoas, e o meu "chegar lá" é cada pequeno passo dado.